

**MANUEL PEDRO FREITAS**
Médico Pediatra

DIÁRIO DO ZÉZINHO (11) — A ida à urgência do CHF

Antes de recorrer à urgência, é importante e recomendável que os pais contactem o centro de saúde da sua área, o médico assistente da criança, seja especialista em pediatria ou em clínica geral.

Ao longo da minha curta existência, já por diversas vezes me senti mal. Foram as malditas cólicas que me atormentaram durante quase três meses, foram as dores provocadas pelas vacinas, foi o incómodo provocado pelo nascimento do meu primeiro dente, etc... Contudo, nunca me senti tão mal, como no dia em que fiz oito meses. Lembro-me desse dia como se fosse hoje, não porque me tenham feito qualquer festa, mas porque nesse dia, quando acordei, não me sentia bem. Até parecia que alguém me tinha dado uma porrada. O meu nariz, umas vezes pingava, outras parecia que estava tapado, o que me provocava alguma dificuldade em respirar, principalmente na hora em que me enfiavam o biberão na boca, o que não era para admirar, uma vez que, com isso, me tapavam a boca, o único buraquinho por onde ainda conseguia respirar. Como se isso não bastasse, numa altura em que estava sem vontade para comer, ainda insistiam para que, tal como acontecia nos dias anteriores, mamasse até à última gota. Sentia também, umas vezes calor, ou-tras tremia que nem varas verdes. Comecei a sentir uma coisa como antes nunca tinha sentido, uma espécie de tosse pelo nariz e que, por uma conversa que ouvi entre a minha mãe e a minha avó, fiquei a saber que se chamava de espirro. Apesar de desagradáveis e incomodativos, estes espirros até ajudavam a eliminar o ranho e às vezes ficava com o nariz limpinho. O problema era quando começava a dar um espirro e depois este era abortado não sei por quem! Que sensação desagradável! Como calculam, tanto era o incómodo que sentia, que chorava, gemia, contorcia-me, eu sei lá o que fiz.

Perante o meu estado, não foi difícil, à minha avó, que, pela sua idade e experiência, é “o médico lá de casa”, chegar à conclusão de que eu parecia “ir ficar doente” e, não satisfeita, ainda arranjou um rótulo para a minha doença — gripe. Segundo ela, a culpada tinha sido a minha mãe, que andava, havia alguns dias, constipada e tinha-me pegado a doença.

É claro que, dado o alarme, alguém se lembrou de me colocar a mão na testa, para ver se tinha febre, como se a mão fosse termómetro. Depois de uma primeira impressão de que eu estava quentinho, era importante confirmar se tinha febre. Depois de intensa procura e alguma confusão, a que não faltou troca de mimos azedos entre a minha mãe e a minha avó sobre a localização e sobre quem tinha utilizado em último lugar o termómetro lá de casa, lá o descobrimos e não tardou em que mo enfiassem pelo rabo adentro.

39 graus, ouvi gritar três minutos depois. Que fazemos?, perguntou a minha mãe à minha avó. Olha, telefona ao pediatra.

Dito e feito. O problema é que, por azar, nesse dia, o pediatra, para além de não estar a dar consultas, tinha o telemóvel desligado. Aquilo lá

em casa ficou tudo tonto e em alvoroço, sem saber o que fazer. Às tantas, minha avó lembrou-se de recomendar a minha ida à urgência. À urgência não, respondeu a minha mãe, acrescentando que uma sua amiga, dias antes, tinha ido lá com o seu filho, cheio de febre e que, para além de lhe terem dado um semão, de lhe terem dito que a doença não era urgente, mandaram-na para casa sem qualquer tratamento e para ir no dia seguinte ao “Centro”. Depois do vai-não-vai à urgência, alguém se lembrou de me meter um supositório e de me pôr só de fralda. Não será preciso dizer que, pouco tempo depois, já nem parecia o mesmo, apesar do nariz entupido e da “tosse” pelo nariz. Sorria e brincava!

O problema foi à noite. Maldita noite, tanto para mim como para o pessoal lá de casa. A febre voltou e, para além de tossir pelo nariz, passei também a tossir pela boca. Não dormi nada, chorei que me fartei. Aquilo foi mesmo um inferno. Que mer...! Que estupor de pediatra, pensei eu! Quando estou doente e preciso dele, é quando ele não está ou não pode ser contactado! Como a minha situação estivesse a preocupar a minha mãe e esta, sempre que ligava para o pediatra, o telemóvel dava indicação de desligado, não lhe restou outra alternativa que não a urgência do hospital.

Chegámos por volta das 8 horas da manhã e, depois de cerca de 45 minutos de espera, chegou a minha vez de ser atendido. Ao entrar, ao ver a médica, não gostei nada dela e até parecia que estava a adivinhar o que ia acontecer.

Ainda a minha mãe não tinha acabado de descrever a minha doença, lá ela disse: *A doença do seu bebé não é urgente, não é caso para recorrer à urgência, mas sim ao centro de saúde ou ao seu médico assistente. Devia saber o que fazer em situações de febre e se o seu pediatra não lhe disse deve-lhe perguntar. Tome lá este supositório e coloque-o.* Dito isto saiu pela porta fora. Minha mãe, perante esta reacção, ficou de boca aberta e sem saber o que fazer.

A sorte foi que os médicos estavam na passagem de turno e a equipa de urgência foi substituída por outra. Ao ver a preocupação da minha mãe, um dos elementos da nova equipa, uma médica também, perguntou-lhe, de forma simpática, o que se passava.

Depois de colocada ao corrente, a médica lá justificou o comportamento da sua colega e deu várias informações sobre os cuidados a ter numa criança com febre e quando recorrer ao Serviço de Urgência.

Segundo ela, aquilo que eu tinha era um simples resfriado (espirros, rinorreia, obstrução nasal, tosse, mal-estar, com ou sem febre) e que poderia durar entre cinco e sete dias a passar. O tratamento consistia em dar muitos líquidos, fluidificar as secreções nasais com soro fisiológico e/ou eventualmente aspirá-las. Para a febre deveria

proceder à administração de paracetamol e eventualmente de ibuprofen e não me vestir tanta roupa. Disse ainda que, se nos períodos em que eu estivesse sem febre eu estivesse bem e brincasse, significava que a doença não era grave e que, em princípio, a minha mãe poderia estar descansada.

Talvez porque o movimento a essa hora fosse pouco ou porque tivesse simpatizado com a minha mãe, a médica diria que era compreensível a atitude da sua colega. Segundo ela, as urgências foram criadas para atender as situações urgentes, ou seja, que, se não tratadas urgentemente, fazem o doente correr perigo de vida, são susceptíveis de deixar sequelas físicas ou mentais ou de causar grande desconforto ao doente. Aquilo que tem acontecido é que as pessoas utilizam a urgência “a torto e a direito” como se se tratasse de consultas abertas ou atendimento permanente.

Muitos pais recorrem à urgência só porque dá mais jeito, ou seja, porque não necessita de marcação antecipada, porque a criança é sempre atendida, porque esse atendimento é mais rápido do que no centro de saúde, porque há possibilidade de conciliar a ida ao médico com a sua disponibilidade.

Ora, isto tem várias consequências:

1. Entupimento da urgência, com sala de espera cheia de pais e crianças, onde se misturam crianças a necessitar de atendimento urgente com outras não necessitando de qualquer tratamento e onde as crianças necessitando de tratamento urgente não são atendidas com a urgência exigida, porque à sua frente existem crianças sem doença.

2. Esgotamento de recursos humanos, ou seja, sobrecarga de horas de urgência para os médicos, com consequente cansaço físico e mental e, naturalmente, maior risco de raciocínios incorrectos e de, em determinadas situações, a relação médico/doente poder ser prejudicada. Na realidade, o número de pediatras em determinada região é calculado de acordo com a população e número de camas hospitalares e não de acordo com o fluxo de crianças às urgências que não são urgências mas consultas abertas.

Segundo a médica, aquilo que aconteceu entre a sua colega e a minha mãe é precisamente consequência do recurso à urgência para situações que nada têm de urgência, é fruto do cansaço, do excesso de urgências que os médicos têm de fazer para poder garantir uma urgência erradamente transformada em consulta aberta. A este propósito, acrescentaria que a urgência que a sua colega acabava de fazer era a terceira nessa semana, ou seja, o terceiro período de 24 horas de urgência em sete dias.

É óbvio que os médicos são seres humanos como quaisquer outros e que também se cansam, também têm o direito de estarem mal-dispostos e de, tal como acontece com toda a gente, em todos os serviços públicos e privados, de dar “respostas malcriadas”, principalmente se com alguma frequência têm de se confrontar com pais também mal-dispostos e malcriados, que julgam que a doença dos seus filhos é culpa dos médicos e não sua ou do Criador e, então, decidem transformá-los em bodes expiatórios.

Daí que é importante que as pessoas não venham a correr para a urgência, por tudo e por

nada, logo que a criança dê o primeiro espirro, tussa ou logo que inicie febre. É importante aguardar um pouco pela evolução, estar atenta ao estado geral da

criança. Muitas vezes, no início de um processo infeccioso, é difícil diagnosticar a sua causa, sendo necessário às vezes esperar três ou mais dias para o fazer. É importante que os pais vejam se a febre é, ou não, desconfortável, se com o abaixamento de temperatura a criança fica bem. Na maior parte das situações, quando apiréticas, as crianças ficam bem, o que significa que, pelo menos até esse momento, a doença não é grave.

Antes de recorrer à urgência, é importante e recomendável que os pais contactem o centro de saúde da sua área, o médico assistente da criança, seja especialista em pediatria ou em clínica geral.

Por isso é que, um pouco por todo o país, estão a ser implementadas as TRIAGENS, sendo observadas e tratadas em primeiro lugar as crianças com patologias que necessitam de tratamento urgente, deixando para depois ou até remetendo-as para o centro de saúde ou consulta externa hospitalar aquelas que não sejam portadoras de doenças urgentes, independentemente da sua ordem de inscrição na urgência. É claro que há situações em que a ida à urgência, por iniciativa dos pais, está ou pode estar plenamente justificada, como seja: recomendação do médico assistente; lactentes com doença súbita e idade inferior a 6 meses; suspeita de intoxicação; convulsão febril ou não; traumatismo, com lesão de órgãos vitais e/ou perda de conhecimento; maus-tratos, esta situação não tanto pela doença física em si mas pelas consequências psicológicas e para evitar que continuem; dificuldade respiratória; vômitos ou diarreia que não param com as medidas dietéticas e terapêuticas habituais e que façam a criança correr o risco de desidratação, febre acompanhada de petéquias, ou seja, de lesões da pele semelhantes a picada de pulga, acompanhadas de sensação de que a criança não está bem; paralisias, dificuldade de equilíbrio; dores abdominais; agudização de doença crónica, etc...

Depois de toda esta conversa, a minha mãe saiu satisfeita com a recomendação de me fazer o paracetamol e eventualmente ibuprofen, de me meter soro no nariz, coisa que vou aos arames quando me fazem e de, dentro de três dias, contactar o meu médico assistente.

Ah! Quanto ao meu médico assistente, a última médica que me atendeu diria que ele provavelmente não tinha dado resposta aos telefonemas da minha mãe porque foi “caçado” e teve de interromper toda a sua actividade profissional e compromissos pessoais e familiares para acompanhar um amigalhão meu — um puto, claro — mas só com dois dias de vida, que nasceu com uma doença congénita grave e teve de ser transferido para Lisboa. ■

Nota: Este texto é um excerto do relato da vida do Zézinho, um puto nascido na maternidade do CHF no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses, decidi, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever, incumbi essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio, 7 de Junho, 5 de Julho, 2 de Agosto, 6 de Setembro, 4 de Outubro, 1 de Novembro e 6 de Dezembro) foram publicadas as peripécias por que tem passado desde o nascimento.